

Direito e Antilógica: Antifonte e o nascimento grego do pensamento jurídico

Nuno M. M. S. Coelho

Capítulo 3 – O século antilógico

3.1. Os sofistas e a radicalização do *agon*

O ambiente polêmico da busca pela realização humana tem sido sublinhado por trabalhos que chamam a atenção para o caráter agonístico (belicoso, competitivo) da sociedade grega clássica, e para suas raízes na cultura pré-clássica.¹

O agonismo é aprofundado no séc. V, marcado pela presença dos sofistas, cuja atividade se liga à ampliação dos direitos de participação da Atenas democrática.² Os 'sofistas'³ (nos termos de

¹ A cultura grega anterior à Filosofia demonstra já seu gosto pela polêmica em muitos de seus testemunhos. Isto revela que o traço caracterizador da cultura filosófica – a polêmica – encontra importantes antecedentes na tradição mito-poética, e ajuda a compreender que o nascimento da Filosofia não é um milagre, mas um processo com suas raízes culturais, suas condições de possibilidade histórica. “Most poetry and prose from at least as early as Homer through the classical period was created for or performed in a competitive environment, often in a formal contest. The Sophists entered fully into this competitive spirit, challenging earlier authors and striving to outdo their contemporary rivals”. (GAGARIN, 2002, p. 19).

² “The result is a detailed and throughout explorations of the complexities of an issue that can introduce radically new ways of thinking together with more traditional objections to these novel ideas.” (GAGARIN, 2002, p. 104). Jaeger chama a atenção para a expansão do direito de falar, com o advento da democracia, como ingrediente da revolução cultural grega: “O Estado do século V é assim o ponto de partida histórico necessário do grande movimento educativo que imprime o caráter a este século e ao seguinte, e no qual tem origem a ideia ocidental da cultura. Como os gregos a viram, é integralmente político-pedagógica. Foi das necessidades mais profundas da vida do Estado que nasceu a ideia da educação, a qual reconheceu no saber a nova e poderosa força espiritual daquele tempo para a formação dos homens, e a pôs a serviço dessa tarefa. Não tem importância para nós, agora, a apreciação da forma democrática da organização do Estado ático, da qual surgiu, no século V, este problema. Fosse como fosse, não há dúvida de que o ingresso da massa na atividade po-lítica, causa originária e característica da democracia, é um pressuposto histórico necessário para se colocarem conscientemente os problemas eternos que com tanta profundidade o pensamento grego se colocou naquela fase de sua evolução e legou à posteridade. (...) Problemas como os da educação política do Homem e da formação de minorias dirigentes, da liberdade e da autoridade, só neste grau de evolução espiritual

Platão⁴ e de Aristóteles⁵) dirigem-se a Atenas em resposta à demanda por treinamento para as disputas sobre a criação e aplicação das leis. A vida política e jurídica é permanente experiência do *polemos*, e os novos membros do círculo de iguais precisam das ferramentas intelectuais necessárias à participação na disputa política – ferramentas, portanto, para a realização humana, que compreende essencialmente o sucesso cívico.

As notícias sobre as vidas e obras dos sofistas mostram-nos empenhados em permanentes polêmicas⁶, o que se reflete no modo como foram transmitidos pela tradição filosófica, igualmente

podem surgir e só nele podem alcançar a sua plena urgência e importância para o destino. Nada tem a ver com uma forma primitiva da existência, a vida social formada por bandos e estirpes, que desconhece qualquer individualização do espírito humano." (JAEGER, 2001, p. 338).

³ Para a evolução da palavra sofista, ver O'Grady (2008, p. 9).

⁴ A negatividade com o termo passou à história deve ser compreendida no quadro de polêmica entre os representantes da cultura filosófica. Deve-se principalmente ao retrato pintado por seus grandes adversários no século IV, Platão e Aristóteles. No *Protágoras*, Sócrates pergunta a Hipócrates: "Pelos céus, você não se envergonharia de se apresentar diante de toda Grécia como sofista?" (312a). Sua importância foi recuperada no séc. XX: "O que quer que pensemos do movimento sofista, devemos estar de acordo (...) que nenhum movimento intelectual pode-se comparar com ele na permanência de seus resultados, e que as questões propostas pelos sofistas nunca se permitiram repousar na história do pensamento ocidental até os nossos dias." (GUTHRIE, 1995, p. 9). "Em todo caso, constituem um fenômeno do mais alto significado na história da educação." (JAEGER, 2001, p. 348). Basicamente, apenas no século XX eles seriam reabilitados como filósofos. Para a visão dos sofistas como charlatões, vide Sidwick (1872, p. 288 e ss.) Sobre a reabilitação dos sofistas, vide Marques (2007).

⁵ Aristóteles, nas *Refutações Sofísticas* (165a20-25), refere-se aos sofistas como contrafatores: "Porém, visto que aos olhos de algumas pessoas vale mais parecer sábio do que ser sábio sem o parecer (uma vez que a arte do sofista consiste na sabedoria aparente e não na real, e o sofista é aquele que ganha dinheiro graças a uma sabedoria aparente e não real), está claro que para estas pessoas é essencial parecer exercer a função de sábio, em lugar de realmente exercê-la sem parecer que o fazem."

⁶ Não evitamos o uso do termo "sofista", advertindo porém que qualquer selo que pretenda representar o conjunto dos intelectuais em atividade no séc. V tenderá sempre a ocultar as suas diferenças. O que marca os sofistas é a singularidade. Eles estão em permanente disputa, ao invés de integrarem uma escola. Tal como anota G. Reale (1993, v. 1, p. 198), "não existe um sistema sofístico ou uma doutrina sofística; é impossível reduzir o pensamento dos vários sofistas a proposições comuns. Mas também não é verdade que as doutrinas dos sofistas individuais constituam unidades incomensuráveis entre si". Antes, trata-se de um conjunto de esforços provocados por "uma série de *problemas* idênticos" (1993, v. 1, p. 198). "They reached no consensus on the correct alternatives to traditional views, or even on the right questions to ask; rather, their main concern seems often to be simply to find questions or answers that would be new and different from those of others." (GAGARIN, 2002, p. 14). Para o experimentalismo intelectual do séc. V, vide Solmsen (1975).



envolvido pela disputa que os caracteriza – devemos a Platão, um adversário declarado, o essencial do que sabemos sobre eles.

Entre estes intelectuais, Protágoras terá sido o mais proeminente. A ele se atribuem três ideias novas absolutamente centrais para compreender o séc. V: o homem-medida⁷, as antilogias⁸ e a sabedoria como o poder de tornar o argumento mais fraco, mais forte⁹.

A doutrina do homem-medida¹⁰ sintetiza a percepção da falta de fundamento do saber, surgido com a crise do mito como solo da autocompreensão humana. Na cultura filosófica, o homem e o seu esforço inquiridor passam a ser o fundamento do que se sabe, e não uma estória recebida do passado.

O homem, no entanto, é uma medida problemática – para uns o vento é frio, para outros é quente. A crise de fundamento é aprofundada com a afirmação de que é possível fazer duas afirmações opostas sobre qualquer coisa (antilogias), o que mostra que tudo mantém-se em permanente discussão, não havendo uma

⁷ A Protágoras e à doutrina do homem-medida associa-se a posição relativista que se pretende um traço mais ou menos geral do pensamento do séc. V. Sobre ele escreveu Sexto Empírico (*Contra os Matemáticos*, VII, 60): "Protágoras de Abdera foi classificado, por certos autores, no grupo dos filósofos que destruíram o critério de verdade: ele afirma, de fato, que todas as representações e as opiniões são verdadeiras, e que a verdade é da ordem do relativo uma vez que tudo que aparece ou é conjecturado por alguém (é objeto de representação ou de opinião de alguém) é imediatamente dotado de uma existência relativa para ele. Portanto, no início da sua obra *Discursos aterradores*, ele declarou: o homem é a medida de todas as coisas, para as que são, que são; para as que não são, que não são." Platão (*Teeteto*, 160d): "Não é outra a opinião do sábio Protágoras: 'o homem é a medida de todas as coisas'". Vide também Diógenes Láércio (*Vidas...*, IX, 51).

⁸ Diógenes Laércio (*Vidas*, IX, 50): "sobre cada coisa existem dois discursos, contraditórios".

⁹ "Nisto consiste tornar mais forte o argumento mais fraco. Daqui, os homens se sentissem tão indignados com a declaração de Protágoras, pois é um logro e uma probabilidade não verdadeira, mas aparente, e não existe em nenhuma outra arte, a não ser na retórica e na erística." (ARISTOTELES, *Retórica*). Sobre a antilogia em Protágoras, vide DILLON, GERGEL (2003, p. 17-21).

¹⁰ As doutrinas de Protágoras são objeto de viva disputa doutrinária. Há quem o interprete como um relativista, e quem o interprete como um moralista que acredita na superioridade dos sábios (o homem-medida seria o homem sábio). Provavelmente, suas expressões ambíguas foram objeto de diferentes interpretações também no seu tempo, tornando legítimo pensar nelas como indicações de um estado de permanente problematização. Para Cappelletti (1987, p. 100), "não se trata evidentemente de que la medida la constituya el hombre genérico o el sujeto transcendental o la sociedad como forma concreta y colectiva de la existencia humana, sino yo y tú, este individuo y aquel outro, cada uno de los hombres singulares". A interpretação individualista é encontrada no *Teeteto* de Platão – a que Cappelletti, por exemplo, se filia. A ela se contrapõe a interpretação genérica, defendida por Gomperz (1896), para quem a medida não é dada pelo homem singular, mas pela natureza humana. Vide Dupréel (1948, p. 15).

verdade capaz de subtrair-se à contradição, à problematização, ao dissídio.¹¹

Com isto, o homem sábio deixa de ser o sabedor da tradição, para tornar-se o participante perspicaz das disputas antilógicas em que todo saber está agora enredado. Sábio é quem é capaz de defender um argumento a princípio mais fraco, levando-o à vitória.

Demonstrando sua sabedoria, os sofistas dedicavam-se ao *antilegein*. Em suas disputas, a sustentação de teses, as mais esdrúxulas, mas acompanhadas de argumentos capazes de torná-las mais fortes, era decerto motivo de grande admiração. Que incrível, por exemplo, que Górgias sustente a inocência de Helena¹², e que encantador que seja convincente...

O prestígio intelectual passa a ser apurado neste poder de argumentar e de contra-argumentar, a que a generalidade dos pensadores do séc. V se dedicam. Uma parte importante da formação intelectual nesse tempo consistia em aprender a contra-argumentar. Entre as provas disto estão os *Dissoi Lógoi*¹³, de autoria desconhecida, e as Tetralogias de Antifonte, especificamente voltados para o exercício da capacidade antilógica.

¹¹ Sobre Protágoras e sua concepção de verdade como confronto, vide Gagarin (2001 p. 174-5). "(...) revelador é o fato de que o trabalho que Platão chama de *Verdade*, foi conhecido como *Katabollontes* (sc. *Logoi*) ou *Argumentos Demolidores*. Este título emprega uma metáfora de luta e implica um combate, um *agon* entre *logoi*. O *present tense* implica que a luta não está concluída, e assim que nenhum *logos* singular emerge necessariamente como vitorioso no final. (...) O título de Protágoras parece implicar que os *logoi* estão continuamente lutando uns contra os outros, e que qualquer verdade final deve incorporar esta luta. Cada *logos* deve no entanto corresponder à (um aspecto da) realidade, como no exemplo do vento quente e frio: porque o vento é ambos, então cada *logos* (o vento é quente; o vento é frio) corresponde à realidade. Ambos *logoi* são verdadeiros, assim como a verdade global (o vento é quente e frio), porque todos estes *logoi* correspondem à realidade."

¹² "In defending Helen, he [Gorgias] explicitly challenges the traditional view and also provides arguments that seem quite unpersuasive, at least to many; presumably his speech is the weaker *logos*. By contrast, in Palamedes, he defends a person who, according to tradition, was tried and convicted despite being innocent." (GAGARIN, 2002, p. 25). Gorgias não muda os fatos para defender Helena, mas a interpretação sobre os fatos. "The latter is particularly notable, since Gorgias was probably the first to defend Helen while still accepting the traditional version of the facts, that Helen went to Troy with Paris; previous defenders of Helen, like Stesichorus, argued that Helen was blameless because she never went to Troy." (GAGARIN, 2002, p. 106).

¹³ Trata-se de um texto que data do fim do séc. V que testemunha a dedicação do tempo ao exercício antilógico. "*Dissoi Logoi* são pronunciados na Grécia por aqueles que filosofam sobre o bem e o mal; pois dizem que uma coisa é o bem e outra é o mal; outros dizem que é a mesma coisa que, para uns, seria um bem e, para outros, um mal e, para o mesmo homem, às vezes bem, às vezes mal." Vide Aguiar (2006).



A vida intelectual no século V ateniense é marcada pela disputa antilógica¹⁴, criticando-se e relendo sua história e seus fundamentos éticos, ao ensejo da exploração mais e mais radical da compreensão da vida humana – não apenas no púlpito dos sofistas, mas também no palco do teatro, igualmente marcado pelo pensamento em contraditório.¹⁵

3.2. A antilógica como gênero literário

A igualdade para falar, pensar e expressar-se, num quadro de acirrada disputa antilógica, abre o campo para a afirmação de novos estilos e ideias. O século V é um século de intensa experimentação intelectual¹⁶, e por isso palco de pesquisas absolutamente inéditas. Todos os fundamentos da vida em sociedade são atingidos por perguntas do tipo: a lei deve ser obedecida? A sociedade existe por natureza ou é fruto de um acordo? Por que os homens acreditam em deuses?

Ao mesmo tempo em que o pensamento radicaliza e aprofunda suas investigações, impõe-se um processo de reinvenção da língua grega.¹⁷ Todos os esforços do pensamento são esforços por inovar na língua, porque novas formas de pensar dependem de novas formas

¹⁴ A antilógica “consiste em opor um *logos* a outro *logos*, ou em descobrir ou chamar a atenção para a presença de uma oposição em um argumento, ou em uma coisa ou situação. A característica principal é a oposição de um *logos* a outro, por contrariedade ou contradição. (...) constitui uma técnica específica e bem definida, a saber, a partir de um dado *logos*, digamos, a posição adotada pelo oponente, e passar a adotar um *logos* contrário, ou contraditório, de maneira tal que o proponente terá de aceitar ambos os *logoi*, ou pelo menos abandonar a sua primeira posição.” (KERFERD, 2003, p. 110).

¹⁵ Para a estrutura agonística do teatro, vide Silva (2005, p. 11-74).

¹⁶ “The second half of the fifth century was a period of intellectual innovation and excitement throughout the Greek world, nowhere more so than in Athens. Poets, philosophers, medical writers and practitioners, religious reformers, historians, and others introduced new ways of thinking. They discussed and debated ideas, experimented with new methods of communication orally, often in public forums, and explored the possibilities offered by the relatively new medium of communication, writing”. (GAGARIN, 2002, p. 1)

¹⁷ O surgimento da cultura filosófica está ligado à transformação da experiência linguística de modo essencial. O letramento – processo pelo qual o saber ler e escrever difunde-se entre largas camadas da população, ultrapassando as barreiras de uma casta de funcionários que ao mesmo tempo reúne funções administrativas e religiosas e mantém o ler e o escrever como uma função religiosa e quase exclusiva – tem lugar entre os gregos de modo pioneiro. Ao letramento está ligada a crise da fundamentação narrativa, fundada na oralidade, característica da cultura mito-poética. Vide Havelock (1996A, 1996 B), Goody (1987) e Goody-Watt (2006).

de expressão.¹⁸ Ao mesmo tempo em que a disseminação da escrita permite o surgimento de novos pensamentos, estes por sua vez impõem à língua novas exigências. Forjam-se palavras e estilos de exposição e pesquisa para dar conta de novas perguntas.¹⁹

O pensamento e a linguagem tornam-se objeto de amplas discussões. Surgem perguntas do tipo: o que é a linguagem? Qual a relação entre mundo, pensamento e fala? É possível dizer algo sobre o mundo? É possível pronunciar um discurso falso? Qual a origem das palavras?

Neste contexto surge a Antilógica²⁰ como gênero ou estilo literário, como experimento intelectual e linguístico a serviço da exploração de novas formas de ideias nos diferentes horizontes do saber.

3.3. Proposição da hipótese para leitura de Antifonte

¹⁸ A disseminação da escrita possibilita novas formas de pensar também na medida em que possibilita a expressão de conceitos abstratos: "Em culturas orais, palavras – especialmente palavras como 'Deus', 'Justiça', 'Alma', 'Bom' – dificilmente podem ser concebidas como entidades separadas, divorciadas do resto da oração e de seu contexto social. Mas, uma vez dada a realidade física de escrita, elas tomam uma vida própria e muito do pensamento grego estava ocupado com a tentativa de explicar os seus significados satisfatoriamente e de os relacionar a algum princípio último de ordem racional no mundo, para o *logos* (...) O procedimento lógico parece ser essencialmente letrado." (GOODY-WATT, 2006, p. 53).

¹⁹ "O nascimento da *ciência da natureza*, contemporâneo ao aparecimento da *matemática* e da *lógica* como *ciências das formas*, dá origem, portanto, a uma profunda revolução epistemológico-linguística na cultura humana que foi a formação de *nomes* e *conceitos* gerais ou universais que a língua grega, conforme mostrou B. Snell, tornou possível pelo uso do artigo definido. Sem eles não teria sido possível a ciência que é, primeiramente, ciência do *universal*." (VAZ, 1999, p. 57-8 – grifos no original).

²⁰ "The writing down of oral performances led to a new form of sophistic discourse, *Antilogiae*, or opposing arguments. Protagoras reportedly was the first to say that 'on every subject (*pragma*) there are two *logoi* opposed to one another' (6a DK, 24 GW), and though nothing survives of his own *Antilogiae*, we may infer that it contained pairs of opposed arguments on various topics. Others followed Protagoras' lead, and several works containing arguments on both sides to survive, most notably Antiphon's three Tetralogies, each of with (following the form of Athenian homicide procedure) contains two alternating speeches by the plaintiff and the defendant. A lesser work, the *Dissoi Logoi* ('Double Arguments'), presents a series of theses (e.g., 'Good and bad are the same thing'), each followed by arguments in support of and opposed to the thesis. Xenophon (*Memorabilia* 2.1.21'24) presents a version of a work of Prodicus in which two women, Virtue and Vice, give opposed speeches, each seeking to attract Heracles to her way of life. And many speeches in Thucydides are either directly paired, as in the Mytilenean debate, or indirectly paired to respond to one another, as in the characterizations of Athens by the Corinthians in 1.17 and by Pericles in 2.36-46." (GAGARIN, 2002, p. 22).

A partir desta contextualização, renovamos a tese que está no centro de nossa argumentação neste livro.

Nossa sugestão para a hermenêutica de Antifonte é a de todos os textos atribuídos a ele podem ser lidos como da autoria de um mesmo homem, que os terá escrito a demonstrar sua capacidade de manusear argumentos difíceis, e especialmente de contra-argumentar. Sua importância, no entanto, não se reduz por isso, pois é possível que ele tenha tentado exatamente mostrar, com suas contraposições entre *logoi*, a incontornável natureza antilógica do pensamento humano – o que já é um lance filosófico de grande significado. Por outro lado, ainda, seu exercício antilógico mostra o grande poder heurístico da argumentação antilógica.